

## APONTAMENTOS PARA UMA CRÍTICA LITERÁRIA ECOFEMINISTA

Angélica Soares (Professora de Teoria Literária - UFRJ)

A princípio pode parecer que literatura nada tenha a ver com ecologia. Primeiro, porque se voltaram durante muito tempo e, ainda hoje, se voltam os estudos ecológicos, não raramente, apenas para o registro ambiental sem considerarem que as relações entre os seres humanos e o meio ambiente envolvem, necessariamente, as relações sociais e a construção das subjetividades. Segundo, porque os estudos literários parecem desconhecer, conforme nos indica Cheryll Glotfelty, a primeira lei da ecologia formalizada de modo simples por um dos mais respeitados ecologistas, Barry Commoner: “todas as coisas são interligadas umas com as outras” (GLOTFELTY, 1996, p. XIX).

A partir da consciência dessa inquestionável interligação penso, com Glotfelty, que podemos compreender “que a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, ao invés disso, tem um papel num sistema global imensamente complexo, no qual energia, matéria e idéias interagem” (GLOTFELTY, 1996, p. XIX). Portanto, deixar-se conduzir, nos estudos literários, por questões que envolvem o que desde sempre esteve ligado, o poético e o ecológico – se compreendermos a ecologia como morada (*oikia*) da linguagem (*logos*), enquanto força de criação, *poietica* – constitui-se como um modo urgente de dar continuidade e aprofundar o que William Rueckert, em 1976, denominou ecocrítica (Veja RUECKERT, William. *Literature and ecology: un experiment in Ecocriticism*. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. *The ecocriticism reader; landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. 105-23.), propondo que se relacionassem aspectos ecológicos à leitura de textos literários, ao ensino e à escrita sobre literatura.

Partindo da concepção de que um poema é uma energia armazenada (ativa, viva, geradora) a leitura seria, na perspectiva ruckertiana, uma transferência de energia; agindo críticos e professores como mediadores entre literatura e biosfera, liberando a energia e as informações (eu diria: as questões) armazenadas nas obras poéticas, de modo a que elas fluíssem através da comunidade humana e fossem transformadas em ação social, a agir criativa e cooperativamente, de forma inesgotável.

Isto me parece perfeitamente viável, se considerarmos, com a ecosofia de Félix Guattari, que nenhum dos três registros da ecologia (o ambiental, o social e o mental ou da subjetividade humana) existe isoladamente. A força do poético, despoluindo as subjetividades, abriria um caminho para as necessárias mudanças reconstrutoras no *socius* e no meio ambiente.

Ressalta Rueckert que, ao contrário dos combustíveis fósseis, a energia poética não se esgota, uma vez que as obras poéticas se mantêm ativas em qualquer idioma (eu acrescentaria: e em qualquer época), continuando, ilimitavelmente, o seu trabalho de transferência de energia e constituindo-se como um caminho que sustenta a vida e como um recurso sempre renovável, ao tocar a imaginação criativa dos leitores.

O fundador da ecocrítica traz para a investigação literária a concepção de campo de interação, já operante poético-ecologicamente nas obras literárias. Ler ou estudar literatura seria, portanto, agrupar centros de energia em uma matriz de energia poética, num fluxo de múltiplas direções, que permite um crescimento constante dos níveis de energia e o concretizar-se, entendido como crescer com (do latim, *cum crescere*), das maiores motivações da literatura, numa experiência de criatividade e de comunidade.

Desse modo, os melhores professores seriam ecologistas da sala de aula, por terem a capacidade de gerar e liberar a maior quantidade de energia criativa coletada e por compreenderem que a sala de aula é uma comunidade, um verdadeiro campo interativo. Penso que assim é, quando põem em comum questionamentos humanos profundos, capazes de conduzir para adiante o vigor poético-ecológico que nos constitui e, do qual, constantemente, nos olvidamos.

Com suas propostas, Rueckert acha possível que as atividades crítico-pedagógicas ligadas ao literário possam agir criativamente na biosfera, para fins de sua purgação, da redenção da intrusão humana anti-ecológica e para a saúde.

Os estudos que relacionam ecologia e literatura, segundo Glotfelty, mantiveram-se, no entanto, até a década de 1920 em trabalhos isolados. E somente “por volta de 1993 (...) o estudo literário ecológico emergiu enquanto uma escola de crítica reconhecida. (GLOTFELTY & FROMM; eds. 1996, p. XVIII). Lembra Glotfelty que “na maioria das teorias literárias “o mundo” é sinônimo de sociedade – de esfera social. A ecocrítica

expande a noção de “mundo” para incluir a ecosfera” (GLOTFELTY & FROMM; eds. 1996, p. XIX).

Na esteira do ecocriticismo, críticas literárias feministas vêm associando ecologia e feminismo aos estudos literários, uma vez entendida a literatura também como espaço de resistência a diferentes formas de dominação biológica e /ou cultural. E, sob a denominação de ecofeminismo (termo que surge no início dos anos de 1970, na França, cunhado por Françoise D’Eaubonne) reúnem-se, hoje, movimentos práticos de busca de mudanças sociais relacionadas às lutas feministas e trabalhos teóricos e críticos voltados para o reconhecimento e a valorização da diversidade biológica e cultural mantenedora da vida e para o desafio das relações de dominação.

Segundo Greta Gaard e Patrick Murphy, diversos grupos feministas concordam que:

Ecofeminismo baseia-se não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais. Baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. (GAARD & MURPHY, 1998, p. 3)

Constituindo-se interdisciplinarmente, o ecofeminismo tem relacionado questões apontadas por ecologistas com relação à crise ambiental a contribuições de antropólogos, psicólogos, filósofos, sociólogos, teólogos etc., considerando, com o historiador Donald Worster, que:

Estamos enfrentando uma crise global hoje, não por causa de como os ecossistemas funcionam, mas por causa de como nossos sistemas éticos funcionam. Superar a crise exige compreender nosso impacto na natureza o mais precisamente possível; mas muito mais, exige compreender esses sistemas éticos e usar essa compreensão para reformá-los (Apud: GLOTFELTY & FROMM; eds.1996, p. XXI)

Sem dúvida, estudiosos das ciências humanas vêm contribuindo para uma compreensão integrada das questões ecológicas, em busca do equilíbrio global que, segundo a ecosofia de Guattari, exige uma articulação ético-política que atravessa “as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se

queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc...” (GUATTARI, 1991, p. 15).

Com relação ao falocentrismo, ressalto aqui, a observação adequada de Karla Armbruster de que, apesar da diversidade de posições ecofeministas, todas compartilham “uma convicção geral de que há ligações importantes entre a opressão das mulheres e a destruição e mal uso da natureza não-humana no seio de culturas dominadas pelo homem.” (ARMBRUSTER, 1998, p. 97). Faz-se urgente, portanto, que se enfatizem essas ligações e se contestem as dominações das mulheres e do meio ambiente.

Val Plumwood, em *Feminism and the mastery of nature*, acrescenta a essa proposta, a necessidade de evitar-se uma tendência, dentro da teoria ecofeminista, de ênfase em ligações ou continuidade entre mulher e natureza, bem como de se cair no extremo oposto, ressaltando-se diferenças com base em aspectos da identidade, tais como gênero, raça ou espécie, pois, se se mantêm essas tendências, estariam sendo afastadas umas pessoas das outras e da natureza não-humana.

O posicionamento mais equilibrado seria, portanto, o de negociar as ligações e as diferenças, a fim de incluir questões complexas de relacionamento entre os humanos, entre humanos e não-humanos e de interdependência entre estes, nos estudos crítico-literários.

Com relação às mulheres, reconhecer as limitações, os enganos, os desvios e a força ideológica negativa do essencialismo, sustentador de hierarquias nas relações sexuais e sociais entre os sexos, para compreender e ultrapassar as ligações essencialistas entre mulheres e natureza são tarefas do ecofeminismo. Isto porque, como adverte Armbruster “é a opressão compartilhada entre mulheres e natureza numa cultura ocidental predominantemente masculina e não uma identidade essencial e biológica que constrói uma proximidade especial entre elas” (ARMBRUSTER, 1998, p. 100).

Armbruster esclarece, com Plumwood que, a par das diferentes direções teóricas, o “ecofeminismo trabalha explicitamente para desafiar ideologias dominantes de dualismo e hierarquia dentro da cultura ocidental” (ARMBRUSTER, 1998, p. 98); sendo o dualismo, pensado por Plumwood, como:

processo pelo qual conceitos contrastantes (por exemplo, identidades de gênero masculinas e femininas) se formam pela dominação e subordinação e se constroem como opacionais e exclusivas (...) No dualismo, os lados mais altamente valorizados (masculinos, humanos) são definidos como alienados e de uma

diferente natureza, ou ordem de ser, do lado mais “baixo”, inferiorizado (mulheres, natureza) e cada um é tratado como faltando em qualidades que tornam possível superpor associação ou continuidade. A natureza de cada um é construída de maneiras polarizadas através da exclusão de qualidades compartilhadas com o outro; o lado dominante é visto como fundamental, o subordinado é definido em relação a ele. O efeito do dualismo é, nas palavras de Rosemary Radford Ruether, “naturalizar a dominação”. (PLUMWOOD, 2003, p. 31-2)

Maria Mies e Vandana Shiva esclarecem que essa tendência persiste sempre que o ecofeminismo se baseie nas oposições entre natureza (com a qual a mulher vem sendo identificada) e cultura (ligada ao homem), relacionadas às polaridades entre alma X mente, emoção X intelecto, espiritualidade X racionalidade – uma vez que se referem a dualismos culturalmente codificados e já cristalizados no Ocidente. Por isso, lembram elas que:

Uma perspectiva ecofeminista apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem estar e felicidade. Para alcançar este fim, as ecofeministas utilizam metáforas como “re-tecer o mundo”, “curar as feridas”, religar e interligar a “teia”. (MIES & SHIVA, 1993, p. 15)

Muitas vezes, o discurso ecofeminista, ao referir-se, por exemplo, a humanos e natureza, corre o risco de cair na armadilha do dualismo. Desejando dela sair, nela se mantém, ao confundir natureza e meio ambiente. Precisamos ter em mente que humanos e não-humanos são Natureza, que o ser humano não é apenas uma parcela imprescindível do elo ecológico do nosso planeta, mas parte integrante dele; que tudo está integrado em tudo. E que, decorrente dessa integração, qualquer atitude destrutiva, violenta, reverterá contra o próprio opressor. Assim sendo, numa postura ecocrítica, mais do que desejarmos observar como interagimos com a natureza, cabe focalizar como interagimos na Natureza.

Cabe, portanto, à crítica ecofeminista complexificar e problematizar as concepções vigentes das identidades humanas e dos relacionamentos entre humanos e não-humanos, expandindo-se sua base teórica em diálogo com críticos e pensadores, que permita ampliar o sentido de natureza, cultura, ambiente, do poder do discurso e da identidade etc... Na

introdução de *Ecocriticism reader; landmarks in Literary ecology*, Cheryll Glotfelty ressalta a contribuição de Michel Foucault, Edward Said, Teresa De Lauretis e Donna Haraway. Ela considera, ainda, com Michael J. McDowel (autor do ensaio do referido volume, intitulado *The Bakhtinian rode to ecological inside*) que as teorias de Mikhail Bakhtin, sobretudo a de dialogismo, incluindo o cronotopo e a carnavalização, também têm muito a contribuir na expansão dos estudos ecocríticos.

Um dos caminhos para a construção da referida “nova cosmologia”, defendida por Mies & Shiva, me parece localizar-se na proposta de Guattari da criação de “Territórios Existenciais”, entendidos como espaços de ressingularização da experiência humana, como:

(...) abertura praxica que constitui a essência desta arte da ‘eco’ subsumindo todas as maneiras de domesticar os ‘territórios existenciais’, sejam eles concernentes a maneiras de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou a grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade. (GUATTARI, 1991, p.38)

Esclarece o filósofo que “*eco* é entendida na acepção original grega: *oikos*, que significa casa, bem doméstico, habitat, meio natural” (GUATTARI, 1991, p.38); o que permite melhor compreender a interligação dos registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.

Uma leitura de textos literários, encaminhada por questões ecológicas, que nos exigem ações transformadoras e pela consciência da energia inesgotável do poético, capaz de gerar o agir criativo, que une “natureza e cultura, corpo - terra e mundo” (CASTRO, 2007, p.9), separados apenas “conceitual e abstratamente” (CASTRO, 2007, p.3), com certeza, não só daria visibilidade ao potencial ecológico da literatura, mas também nos mobilizaria para compor uma corrente energética de despoluição simultaneamente mental, social e ambiental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMBRUSTER, Karla. "Buffalo Gals, Won't you come out tonight": a call for boundary-crossing in ecofeminist literary criticism. In: GAARD, G. & MURPHY, P.; eds. *Ecofeminist literary criticism – Theory, interpretation, pedagogy*. Urbane / Chicago: Univ. Of Illinois Press, 1998. p. 97-122.
- BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo / gênero / desejo. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero; feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 15-48.
- CASTRO, Manuel Antônio de. Poético-ecologia. In: <http://travesiapoetica.blogspot.com/2007/05/poetico-ecologia-prof.html>
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; org. *Tendências e impasses; o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-42.
- GAARD, G. & MURPHY, P.; eds. *Ecofeminist literary criticism – Theory, interpretation, pedagogy*. Urbane / Chicago: Univ. of Illinois Press, 1998.
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. XV-XXXVII.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt, 3.ed. Campinas, Papirus, 1991.
- \_\_\_\_\_. Práticas ecosóficicas e restauração da cidade subjetiva. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 116: 9-25, 1994.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- MIES, Maria & SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Trad. Fernando Dias Antunes. Lisboa, Instituto Piaget, 1993.
- PLUMWOOD, Val. *Feminism and the mastery of nature*. London, Routledge, 1993.
- RUECKERT, Willian. Literature and ecology: un experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. 105-23.